ENTRE O CÉU E A TERRA: A PRESENÇA DO ALÉM NAS MONÇÕES SETECENTISTAS

BETWEEN HEAVEN AND EARTH: THE PRESENCE OF THE EIGHTEENTH CENTURY BEYOND THE MONSOON

Mario Teixeira de Sá Junior*

RESUMO: O presente artigo procura apresentar uma das muitas faces da história das monções setecentistas do Mato Grosso. Nele, será buscado apresentar o papel que o mundo sobrenatural com seus personagens, mitos, fantasmas e acontecimentos, desempenhou na explicação de problemas e soluções no cotidiano monçoeiro. As fontes utilizadas são baseadas em relatos de viajantes das monções e representantes do Estado Português, que buscavam descrever e mapear as rotas monçoeiras.

Palavras-Chave: História. Antropologia. Mato Grosso. Imaginário monçoeiro.

ABSTRACT: The current article aims to introduce one of the many faces of the 1700's monções in Mato Grosso. Thus, we intend to show the role of supernatural world with its characters, myths, phantoms and happenings in explaining the problems and solutions of monçoeiro daily life. The sources used are based on monçoeiros travelers' stories and representatives of the Portuguese State, whose objective was to describe and to map the monçoeiras routes.

Keywords: History. Mato Grosso. Monçoeiro Imaginary.

Introdução

O ano de 1719 marcou o início de uma nova fase para a história do Centro-Oeste brasileiro. A descoberta do ouro no Coxipó Mirim, pela expedição liderada por Pascoal Moreira Cabral, provocaria um afluxo para a região que receberia o nome de Cuiabá e a inserção da região no chamado ciclo do ouro. O nome do referido local originou-se do rio que conduzia as bandeiras de apresamento até aquela região e assim era chamado "dizem uns que por acharem em suas margens uns cabaços plantados de que faziam cuias para os seus usos, outros que [...] procedeu de uma cuia que os primeiros que subiram este rio acharam sobre as águas" (BARBOSA DE SÁ, 1975, p. 12).

* Doutor em História pela UNESP-Assis; Professor Adjunto II da UFGD/FADIR/PPGANT. E-mail: mariosa@ufgd.edu.br

A notícia da descoberta desencadeou a migração de um grande número de pessoas para a região. Essa, deu-se a princípio de forma desordenada causando grandes problemas para os viajantes. Barbosa de Sá (1975, p. 12) registra que no ano de 1720 saíram "bastante gente para estas conquistas divididas em diversos comboios de canoas".

Esse espaço não se configurou de forma estática. Ao longo do século XVIII o meio mato-grossense foi sofrendo uma série de modificações. Rosa apresenta essa geografia em três momentos. Um primeiro, contemplando o período de 1719-1734, em que o novo processo de ocupação centrava-se, ainda, na povoação de Cuiabá, isto é,

> [...] o Arraial/Vila de Cuiabá e seu universo constituído por Camapuã no extremo sul; Rosário do Rio Acima, Conceição, S. José dos Cocais e Santo Antônio do Rio Abaixo, - no eixo do rio Cuiabá; Jacé e Serra Acima, mais ou menos a Nordeste da Vila; universo esse subordinado, administrativamente, à Capitania de São Paulo (ROSA, 1996, p. 04).

Em um segundo momento, relativo ao período de 1735-1752, surge um novo pólo de ocupação, com a descoberta, em 1734, de jazidas auríferas no local então chamado "Mato Grosso", no vale do rio Guaporé (já, portanto, na bacia amazônica). No entanto, todo esse espaço era ainda polarizado por Cuiabá. De fato, como nota Rosa, nesse período a região aqui considerada incluía

> [...] o Arraial de Lavrinha, a Sudoeste de Cuiabá e o conjunto de Arraiais de S. Francisco Xavier, S. Vicente Ferrer, N. Sra. do Pilar e Santana, no 'Mato Grosso do Parecis', ou mais simplesmente 'Mato Grosso', - constituindo-se ainda esse universo o da Vila do Cuiabá, e subordinado a São Paulo/Rio de Janeiro (ROSA, 1996, p. 04) .

Um terceiro momento inicia-se, segundo Rosa, em 1752. Tendo sido criada pelo governo metropolitano, em 1748, a Capitania de Mato Grosso (desmembrada de São Paulo), sua capital foi estabelecida, em 1752, numa nova vila, então fundada no "Mato Grosso", junto ao rio Guaporé: a Vila Bela da Santíssima Trindade. Tem-se então a

> [...] implantação propriamente dita da Capitania de Mato Grosso, com dois distritos distintos: o de Cuiabá, que perde Lavrinhas e os Arraiais de Mato Grosso, mas é acrescido com Diamantino no eixo do Cuiabá, com Aricá-Açu e Aricá-Mirim e N. Sra. dos Remédios a Nordeste, com Araés/Santo Antônio do Amarante e Ínsua a Sudeste, com N. Sra. do Livramento, Poconé/S. Pedro del Rei, Tapanhoancanga, Sapateiro e Vila Maria a Oeste, e com Albuquerque, Coimbra e Miranda a Sudoeste; e o distrito de Vila

> Bela, com Jaurú e Lavrinhas a [L]Este, os antigos Arraiais (S. Francisco Xavier, S. Vicente, Pilar, Santana) acrescidos com Boa Vista e Ouro Fino a Norte/Nordeste, com Pamelas, Lamego, Leonil, Conceição/Bragança, Balsemão, Príncipe da Beira, Cubatão, Guarujus e N. Sra. da Boa Viagem do Pará no eixo Guaporé-Madeira e com Santa Bárbara e Casalvasco a Sul/Sudeste (ROSA, 1996, p 04-05).

Vale notar que muitas dessas novas povoações foram estabelecidas na fronteira com os domínios espanhóis, correspondendo, portanto, às preocupações da metrópole lusa com o domínio do território. Esse foi o caso, por exemplo, das povoações/fortes de Coimbra, Albuquerque e Miranda (no sul da capitania), bem como Vila Maria, a sudoeste de Cuiabá, e o forte Príncipe da Beira, no rio Guaporé.

A essas especificações espaciais, merecem ser acrescidas, ainda, os três acessos à região, feitos por Araritaguaba (São Paulo), Goiás e Pará. É no espaço geográfico da primeira das três vias que o presente artigo irá se delimitar buscando analisar a presença de fenômenos que transcendem ao campo das explicações materiais, ainda que se pretendam, como será visto, explicar o cotidiano das monções.

De Araritaguaba a Cuiabá: a calunga pequena

> Quantas centenas de milhares senão milhões foram
> engolidos pelo Sertão, sacrificados à ambição, à ganância,
> ao desregramento de bárbaros senhores.
> Taunay

Araritaguaba foi mais que um lugar "onde as Araras comiam nas pedras" (JUARES, in: TAUNAY, 1981, p. 149). Foi o início de uma nova vida para a maioria das pessoas que buscaram os sertões do Mato Grosso a partir da descoberta do ouro em 1719. Até por volta de 1830 o Porto, também conhecido por Nossa Senhora Mãe dos Homens, reuniu milhares de almas que, voluntariamente ou não, se preparavam para embrenhar por essa "via anfíbia". Em busca do segundo eldorado, do comércio, da agricultura, da pecuária, da defesa de fronteiras, ou em busca de fugir de obrigações, dívidas contraídas, problemas de justiça, ou ainda, o mais provável, a união de algumas das razões apresentadas, eles foram chegando e formando as tripulações e os viajantes que enfrentariam essa trajetória monçoeira.

Europeus, africanos, indígenas e seus descendentes se encontraram no Porto de Araritaguaba, hoje chamado Porto Feliz. Se a felicidade fez parte de muitos sonhos monçoeiros, as realidades da travessia e dos sertões iriam mesclar esse sentimento com outros não tão ditosos. Para alguns, en-

frentar essa nova Calunga[1] muito lembraria a travessia da Calunga Grande realizada por africanos ou afro-descendentes, através do oceano atlântico em navios negreiros.

O cotidiano monçoeiro, formado por um grande número de desafios, levaria à aproximação de saberes entre os viajantes. As tecnologias de navegação, da farmacopéia, da caça, o conhecimento sobre as possibilidades de alimentação, entre outros, seriam construídos na própria vivência das monções. Aquilo que o mundo dos homens não respondesse, poderia ser ainda compreendido através dos elementos do "outro mundo". Embarcar nas vias monçoeiras traz a possibilidade de se conhecer alguns dos muitos problemas desse mundo e de soluções, por vezes do mesmo mundo, por outras "do outro".

A permanência em Araritaguaba tinha temporalidade variada. Ela dependia de questões como a época do ano, a existência ou não de víveres necessários para a longa e penosa travessia até Cuiabá, composição de marujos para a navegação, além dos caprichos da natureza fornecendo, como por exemplo, maior ou menor volume de chuvas.

As monções, além de todo um aparato, necessário para a sobrevivência dos grupos, transportavam sonhos, medos, dores, saudades e muitas outras vivências adquiridas de formas tão diversas, por homens também tão diversos. Aqueles que foram voluntariamente para as regiões de mineração tiveram que acreditar com muita convicção nas possibilidades de sucesso no "segundo eldorado".

Ainda que, em muitos momentos, os produtores da historiografia monçoeira tenham exagerado no registro dos acontecimentos, não é possível negar que, em determinados momentos, as monções cuiabanas

> [...] tinham que superar pavorosos obstáculos, nos rios encachoeirados, atravessar percurso de milhares de quilômetros, terras inóspitas habitadas por nações belicosíssimas, índios que com a mais notável bravura e a mais justa das pertinácias defendiam os seus chãos (TAUNAY, 1975, V1, p. 112).

Coube, aqueles que compartilharam dessa jornada, encontrar mecanismos que superassem os diversos tipos de problemas encontrados ao longo do trajeto.

Os fantasmas da Calunga Pequena: os problemas materiais

As embarcações que realizam o trajeto, apesar de sofrerem algumas

[1] Kalunga, ao lado de outros significados, era "a linha divisória, ou a 'superfície' que separava o mundo dos vivos daquele dos mortos". Assim, "atravessar a kalunga (simbolicamente representada pelas águas do rio ou do mar, ou mais genericamente por qualquer tipo de água ou por uma superfície refletiva como um espelho) significava 'morrer', se a pessoa vinha da vida, ou 'renascer' se o movimento fosse noutro sentido" (SLENES, 1991/1992).

modificações ao longo dos séculos XVIII e XIX permaneceram basicamente as mesmas. As técnicas, fornecidas pelos "naturais da terra", utilizadas em suas construções não sofreram grandes modificações ao longo dos séculos XVIII e XIX. Elas eram chamadas vulgarmente de Canoas. Eram feitas "de um só pau" possuíam "de comprido cinqüenta, até sessenta palmos e de boca cinco até sete". As suas proas "eram agudas" e suas popas eram "à maneira de uma lançadeira de tecelão" (HOLANDA, 1976, p. 32).

Para lançar essas canoas nos rios era necessário realizar a composição da tripulação. Dependendo do tamanho da monção demorava-se um tempo, maior ou menor, para compor o grupo. A tripulação de cada canoa era composta, em média, de oito homens, sendo eles "um piloto que peloteia no bico da popa, um proeiro na mesma forma no bico da proa, cinco ou seis remeiros também em pé" (TAUNAY, 1981, p. 234). Essas tripulações não eram merecedoras de um alto grau de confiabilidade por aqueles que contratavam os serviços. Adjetivos como o de preguiçosos, bêbados, vagabundos, dentre outros, eram atribuídos a esses homens. Eram acusados de gastar a sua paga antes do retorno a Araritaguaba, o que fazia com que, muitas vezes, retornassem pelos caminhos a pé, ou permanecessem na dependência de uma caridade alheia (FLORENCE, 1948, p. 65). Um Capitão-Mor, em documento de 1820 afirma que são "com os vadios deste país é que se formam as tripulações das repetidas expedições que desta Vila [Araritaguaba] partem para Cuiabá[2]".

Além da tripulação a composição de uma monção dependia, em grande parte, da capacidade de se reunir víveres suficientes para a travessia. Durante a preparação da viagem do Conde de Azambuja, D. Antônio Rolim, em 1751, houve que esperar elementos necessários para a viagem que vinham do Rio de Janeiro, o crescimento do milho e do feijão, além da preparação de farinhas e de toucinho. "Uma e outra cousa me demorou até agosto" relata o primeiro governador e capitão general da província do Mato Grosso (TAUNAY, 1981, p.198). Tendo em vista que o mesmo chegara a Araritaguaba em maio de 1751, sua espera fez-se por cerca de 4 meses.

Com todas essas variantes era possível que os monçoeiros permanecessem naquelas paragens por um período de um mês ou até mesmo de meses. É nesse espaço de tempo que os malungos[3], ou companheiros de viagem, alguns sobreviventes da travessia da Calunga Grande – oriundos de portos africanos –, outros de outras áreas da Colônia, iniciavam contatos

[2] Ms. Do Arquivo Público do Estado de São Paulo: Maço 54, Pasta 2, no. 5, apud. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1976, p. 72.

[3] Algumas línguas banto, como o Quimbundo, Quicongo e Umbundo compartilhavam da palavra malungo que reunia interpretações como "meu barco", "camarada de embarcação" e, principalmente "companheiro da travessia da vida para a morte branca". "A história de 'malungo' encapsula o processo pelo qual escravos, falantes de línguas banto diferentes e provindos de diversas etnias, começaram a descobrir-se como irmãos" (SLENES, 1991/1992, p. 54).

com as estórias provenientes da nova e não menos penosa travessia: da Calunga Pequena; ou se preferirmos a travessia para a segunda morte.

Desde o período do bandeirantismo os rios foram fornecendo estórias que iam do maravilhoso ao fantástico, passando pelo patético e chegando ao trágico. Relatos de antigos habitantes de Araritaguaba, associados aos relatos dos monçoeiros que retornavam de Mato Grosso, foram reescritos com as possibilidades interpretativas, individuais e coletivas, de diversos tipos de homens. Eles foram engrossando, contando e recontando diversas estórias sobre a odisséia de se chegar ao segundo eldorado.

Os problemas enfrentados pelos viajantes eram muitos e de natureza variada. Um viajante de então, autor da "Notícia 8ª. Prática", conhecedor das agruras do caminho, alertava os companheiros que estavam dispostos a iniciar viagem às minas de Cuiabá. Seu tom não era otimista e através de sua pena descreveu um quadro pouco estimulador àqueles que se arvoravam às empreitadas das monções. "A quem senão vós", inicia o seu relato, "amigos meus, perseguidos da fortuna e da desgraça, a quem senão a vós farei este aviso ou darei a soma dos inumeráveis perigos destas viagens".

Para ele somente a "exigência da infelicidade" levava homens ao excesso de empreender esta jornada: adversidades pretéritas em suas vidas teriam sido molas impulsionadoras dessa jornada, as quais se dispunham iniciar. "Ah infelizes!".

Aos perigos apresentados pelo texto, "em torno de trinta", somavam-se as derrotas que de "tão infernal [...] não são menos horríveis, que as do inferno" (TAUNAY, 1981, p. 170-193). Um pequeno resumo, ainda que não contemplando todas as intempéries da travessia nos fornece esse viajante:

> [...] desde os grandes rios que haveis de navegar, as cachoeiras que por força eis de passar, os saltos, as itaipavas, as pedras soltas, em rio morto e a flor das águas em que ou haveis de perder miseravelmente a vida ou os negros e as canoas , grandes canapeis do gentio, que com muita brevidade topando-nos vos pode aliviar de todo esse cuidado (TAUNAY, 1981. p. 170).

Os grandes perigos apontados se faziam presentes, principalmente, nos rios ou em seus entornos. Eles eram "muitos e grandes". Desde o Tietê até Cuiabá contribuiriam para que os viajantes se defrontassem com eminentes perigos, levando com que muitos deles chegassem ao destino final, tendo vivido grandes adversidades na viagem. Outros, não obtendo o mesmo sucesso, não chegariam ao seu destino, passando a fazer parte das estórias que seriam contadas, desde o Rio de Janeiro até o Mato Grosso, passando por Araritaguaba e Cuiabá. Essas dificuldades foram valorizadas pelos que relataram a travessia. Documentos da época ou registros posteriores não

cansaram de registrá-las. Mais que questionar quanto reais ou excessivos foram esses registros, merece compreender o quanto eles contribuíram para a construção de um imaginário monçoeiro.

O primeiro grande desafio era o das cachoeiras que, segundo um passageiro de monção, em 1785, quase não havia uma "em toda a extensão dos rios, da qual não contem os Pilotos os mil sucessos trágicos" (TAUNAY, 1981, p. 220). Antes mesmo delas serem avistadas já se sabia de suas presenças pois o cair de suas águas em precipícios ocorria com "tal estrondo e horror que se ouve de muito longe com a admiração e medo" (TAUNAY, 1981, p. 170).

As mesmas eram identificadas e quantificadas por aqueles que sobrevivessem à viagem às minas. As cachoeiras eram em maior quantidade na primeira parte do trajeto, mais especificamente durante a travessia do Rio Tietê. Rolim de Moura afirma que "este primeiro rio, a quem chamam Tietê, é o mais cheio de cachoeiras e das piores" (TAUNAY, 1981, p. 199). Alguns relatos as numeram em 113 (HOLANDA, 1976, p. 100). Outros vão além afirmando que quando as águas estão baixas "tem perto de 200 cachoeiras, a maior parte perigosíssimas" (TAUNAY, 1981, p. 219), e suas fatalidades não são menores.

Um outro obstáculo para os que compunham as monções eram os saltos descritos como sendo

> [...] um rochedo excessivamente alto donde se despenha e precipita com tal violência que na parte em que cai levanta, e exita tal fumaça do mesmo e de vapores cor de enxofre que realmente parece terem ali o seu assento os demônios, o estouro é tão horroroso que se ouve de léguas causa porque é mais arriscado o passado pois quando se chega a ele vem um homem já sem vida (TAUNAY, 1981, p. 171).

A travessia desses saltos não se fazia sem extremado sacrifício. Um relato afirma que neles "se descarregam as canoas e se arrastam por terra, e lançando-se depois ao rio, conduzidas as cargas às costas dos negros, sem que aproveite a vigilância a evitar o muito que se perde e se furta" (TAUNAY, 1981, p. 104).

Às cachoeiras e saltos somar-se-iam as itaipavas. Foram descritas como sendo "algumas passagens que do rio tem muito secos: na mais delas encalham-se as canoas, e só ao poder da força se livram delas porque comumente se livram as mãos até se porem em partes em que se possam navegar" (TAUNAY, 1981, p. 171). O nome dado a uma dessas itaipavas demonstra o grau de dificuldades para a sua travessia. Era conhecida pelo nome de Guaimicanga, que quer dizer "ossos de negra velha que aqui morreu" (TAUNAY, 1981, p. 153).

Outro tipo de dificuldade registrada foi o das

> [...] pedras soltas em rio morto [que] são uns seixos muito grandes que estão sós e separados em muitos e vários passos do rio e como a água nelas não faz recolho sinal para se poderem ver de longe pelos ter coberto a mesma água não é fácil o avistá-los, p. razão porque se emborcam neles muitos antes canoas a se perderem muitas fazendo quando não é com elas a vida (TAUNAY, 1981, p. 171).

O fim da travessia do Tietê pode sugerir o fim ou a redução dos caminhos da viagem já que um dos seus grandes percalços, as cachoeiras, diminuíam de número e dificuldade de forma considerável. Ledo engano. A partir do Rio Grande ou Paraná[4] novos desafios surgiam para os passageiros das monções.

A presença das sociedades indígenas era outro problema a ser enfrentado pelos viajantes das monções. O primeiro grupo a apresentar-se nas viagens era o dos Caiapó. Eles se faziam presentes na rota monçoeira desde o início do Rio Grande ou Paraná. Camello, em relação a esse rio, afirma: "dizem que vem muitas vezes o gentio Caiapó em suas jangadas. Este é o gentio que usa de porrete, ou bilro, e o mais traidor (TAUNAY, 1981, p. 182)". No entanto sua presença se tornava mais ostensiva a partir do Rio Pardo até o Taquari (TAUNAY, 1981, p. 209).

Na altura do Rio Taquari a presença do Caiapó diminuía. A fartura aumentava e diminuía a fome. Havia "muito mel e caça, muito palmito e bastante peixe. No entanto nessa altura "se teme o gentio Guiacurú, ou Cavaleiro, e muito mais o Paiaguá: "pobre de vós se encontrares um, ou outro (TAUNAY, 1981, p. 189)". Este era considerado o inimigo mor. Deles os monçoeiros receberam ao longo do século XVIII e XIX "os mais e maiores danos".

Em relação aos Paiaguá os registros os apresentam como portadores de armas que "servem-se de arco e flecha e também de lanças pequenas, compostas de ferro, muito agudas com as quais ofendem de perto e também de arremesso". Enquanto a qualidade de guerra atribuída aos Guaicuru era o de serem "exímios cavaleiros", aos Paiaguá destacava-se a destreza com que moviam em suas canoas nos rios e através delas organizavam eficientes combates onde "os seus ataques são de ordinário nos rios, e em canoas, porque em terra não valem nada..." (TAUNAY, 1981, p. 210).

Os Guaicuru, chamados também de Cavaleiros "por andarem sempre

[4] O nome Paraná é atribuído à semelhança do Rio com o mar: à sua grandeza e movimento das águas. Um relato assim explica: "É este Rio a semelhança de mar, e assim quer dizer grande Paraná, que em Português é o que mesmo grande mar" (TAUNAY, 1981, p. 259).

a cavalo", viviam "à borda do Rio Paraguai". Segundo relato da viagem do Conde de Azambuja, feita em 1751, as armas que os Guaicuru usavam eram "lanças compridas e laços porém nunca nos rios se podem servir tão bem delas" (TAUNAY, 1981,p. 209-210). Os mesmos necessitavam de campos abertos para realizarem as suas táticas de guerra que envolviam além das armas, cavalos e velocidade. Assim a melhor forma de se defender dos Cavaleiros era manter-se em locais fechados ou em rios.

Os animais da floresta também faziam parte da preocupação de nossos viajantes. Desde os de grande porte aos minúsculos. Onças, jacarés, porcos e cobras, tidos como animais "bravíssimos" e deles se tinha muito cuidado, principalmente à noite (TAUNAY, 1981, p. 236). Mas, piranhas, arraias, formigas, carrapatos, marimbondos e mosquitos não causavam males menores. Aqueles que se descuidavam podiam sofrer de leves incômodos até a perda da vida.

Os insetos também contribuíam para tornar as travessias mais penosas. O Sargento-Mor Juzarte, após ter atravessado com sucesso o Canal do Inferno não sabia que o dia seguinte seria, esse sim, infernal. Ao abrir uma picada no mato e estando as pessoas a passar pela mesma

> [...] levantou uma nuvem de marimbondos de dentro do mato, que mordendo a toda a gente causou lástima; e fugindo cada um para sua parte cobrindo as cabeças, e as mãos com o que puderam e as mulheres gritavam, as crianças choravam e os homens fugiam, que motivou esta desordem a abrir-se picada por outra parte são tais esses insetos que chegam a matar gente pela sua quantidade, além de ser finíssima a dor da sua picada, e aonde mordem logo incha a parte... (TAUNAY, 1981, p. 256).

As doenças representavam outro conjunto de dificuldades a serem vencidas. A intermitência no consumo de alimentos, a fadiga – gerada pelo excesso de horas trabalhadas –, a variação da temperatura – de "excessivo calor de dia" para um "demasiado frio de noite" –, a péssima qualidade das águas – em alguns trechos dos rios -, a presença de insetos, eram alguns dos responsáveis pela debilidade física dos viajantes (TAUNAY, 1981, p. 106).

A morte foi outro fenômeno presente nas monções. Além dos acidentes fatais ligados às cachoeiras, ataques de gentios, de animais, dentre outros, ela foi tema constante; uma costumeira companheira de viagem dos monçoeiros, causando-lhes mais problemas do que os que a morte "naturalmente" traz. Assim foi na viagem do nosso Sargento-Mor quando no dia 21 de maio de 1769 "faleceu uma mulher solteira filha de um povoador, a qual se metendo em um caixão que tinha servido de toucinho, enchendo-se de terra embarcando em uma embarcação para ir enterrar na Barra do Rio Gatemy" (TAUNAY, 1981, p. 269). No entanto os dois dias subsequentes foram recheados de mau agouros. Os ventos cresceram de tal monta que as

canoas foram obrigadas a "procurar terra" no Rio Paraná. Após dois dias sem poder navegar os "povoadores e homens da marinha" concluíram que a causa das dificuldades era "o defunto que ia no caixão para se enterrar no Rio Gatemi". A solução foi sepultar a defunta ali mesmo, ainda que "contra a vontade dois pais" da moça (TAUNAY, 1981, p. 272).

Os fantasmas da Calunga Pequena: os problemas imateriais

Se o campo da vida material apresentava muitos empecilhos à travessia das monções, o imaginário monçoeiro também apresenta fantasmas, monstros e animais gigantes, que contribuíram para aterrorizar os viajantes. Ao passar pelo Poço de Pirataraca, no Rio Tietê, Juzarte destaca algumas de suas características. O mesmo é "muito fundo, suas águas denegridas com paredões de pedra de um, e outro lado, muito fúnebre e triste...". E, engrossando o tom soturno de suas palavras enfatiza: "temiam muito passar os antigos por dizerem havia ali um grande bicho" (TAUNAY, 1981, p. 251). Possivelmente o texto faz referência ao famoso minhocão, lendário monstro dos rios monçoeiros.

Relatos de monstros nos rios das monções já eram encontrados nos escritos no século XVI. Um caso bastante conhecido é o relato pelo alemão Ulrico Schmidel, soldado da expedição de Pedro Mendoza. Em seu "Relatos de la conquista del Río de. la Plata y Paraguay (1534-1554)" ele registra que durante sua passagem pelo Rio Paraná

> Mientras estábamos con esos Mocoretás, casualmente encontramos en tierra una gran serpiente, larga como de veinticinco pies, gruesa como un hombre y salpicada de negro y amarillo, a la que matarnos de un tiro de arcabuz. Cuando los indios la vieron se maravillaron mucho, pues nunca habían visto una serpiente de tal tamaño; y esta serpiente hacía mucho mal a los indios, pues cuando se bañaban estaba ésta en el río y enrollaba su cola alrededor del indio y lo llevaba bajo el agua y lo comía, sin que la pudieran ver, de modo que los indios no sabían cómo podía suceder que la serpiente se comiera a los indios. Yo mismo he medido la tal serpiente a lo largo y a lo ancho, de manera que bien sé lo que digo. Los Mocoretás tomaron ese animal, lo cortaron a pedazos, que llevaron a sus casas y se lo comieron asado y cocido (SCHMIDEL, 2006, p. 26).

Enquanto descansa, após ter passado pelos poços Nhapanupá-mirim, Nhapanupá-guaçu e dos Lençóis, Lacerda e Almeida (1944) puseram-se a escutar um proeiro de seu grupo de marujos, homem de "importância e autoridade". Vendo o proeiro que Almeida (1944) buscava informações sobre os poços para registrar em seu diário, aproximou-se e relatou a sua intimida-

de com os referidos poços e que ali já havia pescado jaús "de oito palmos". Indo além, informou que neles "havia mães-d'água encantadas, que levantavam grandes ondas e faziam muita bulha, e tinham morto alguns homens" (LACERDA E ALMEIDA, 1944, p. 94-95). Curioso, os autores pediram a descrição das "encantadas matronas". Jocosamente o autor registra que "não obstante nunca as ter visto" o proeiro lhe fez "descrição de um monstro mais horrendo que aqueles que nos pinta Horácio". Ao tentar demonstrar descrença com o relato o autor causou ressentimento na comitiva onde seus membros se mostraram "ressentidos e pertinazes", demonstrando que a fala do proeiro era compartilhada pela tripulação da monção (LACERDA E ALMEIDA, 1944, p. 94-95).

Outra tradição entre os monçoeiros era a da existência de um monstro no Poço Banharon. Ele seria o responsável por levantar ondas atemorizantes contra as embarcações dos navegantes (TAUNAY, 1975, p. 174).

Além dos monstros e iaras, fantasmas também habitavam os rios. Valderez Antônio da Silva, em seu "Os Fantasmas do Rio" apresenta um caso, registrado por um cronista da Cidade de Salto, em que um barqueiro misterioso aparecia "silenciosamente fazendo deslizar sua pequena canoa logo abaixo da cachoeira, parando-a às vezes com seu remo, para investigar atentamente, um brilho maior refletindo o luar entre uma pedra e outra... (SILVA, 2004, p. 90)".

Esse caso não é único. Taunay (1981, p. 84), interpretando uma visão de Juzarte, escreve que o mesmo ao conduzir uma expedição ao Matadouro de Iguatemi, foi avisado que uma canoa fantasma "estava à vista da expedição". A visão é assim registrada: "deslizava a montaria silenciosa, pela bruma da madrugada, havendo o guia do comboio reiuno perfeitamente divisado e até contado os seus remadores e passageiros". Ao receberem o silêncio como respostas aos seus chamados de identificação, o grupo quedou-se questionando: quem seriam os viajantes do rio? "Gente de Cuiabá? Castelhanos? Paulistas? Índios? Desertores? Contrabandistas? Fugidos do Iguatemi?" As preocupações com os perigos terrenos confundiam-se com as de outro mundo. "Acaso não estaria tripulada pelas almas dos pilotos, proeiros e remeiros afogados nos rios e de monçoeiros mortos durante a sua viagem aspérrima?".

Diante de tal mistério entrou Juzarte em seu escaler e "guarnecido dos seus melhores remadores, foi-lhes ao encontro". Debalde fez-se o intento. A mesma "desapareceu na bruma". Taunay, como a ler a mente do "bom Juzarte, supersticioso como todo marinheiro velho" conjectura que o mesmo estaria pensando: "era alguma nau catarineta, talvez tripulada pelas almas daqueles esfaimados do ouro, por amor do qual haviam perdido a vida e a salvação na jornada de Cuiabá" (TAUNAY, 1981, p. 84).

Acontecimentos extraordinários, muitas vezes, funcionaram como respostas ou lenitivos às agruras vivenciadas pelos viajantes. Um famoso caso é o do Padre José de Anchieta. Conta o Sargento-Mor Juzarte que, logo no início do Rio Tietê, existia a Cachoeira Abaramanduaba, que em português significa "onde caiu um padre". Nela "em outro tempo" teria viajado o Religioso da Companhia de Jesus, que "andava catequizando aos índios". Ao regressar com alguns deles, ocorreu que

> [...] no meio desta cachoeira, largando ao Padre no fundo da mesma, passando muito tempo vendo que o padre não surgia acima cuidando estaria já morto mergulhou um dos índios ao fundo, e o achou vivo sentado em uma pedra rezando no seu breviário, e por isso ficou o nome a esta cachoeira de Abaramanduaba (TAUNAY, p. 242).

O acontecido com o Padre pode ter auxiliado muitos homens a conviver com as viradas das embarcações e os afogamentos, tão comum nos caminhos monçoeiros. Por certo o pedido de extensão da proteção espiritual, ofertada ao Padre, deve ter feito parte dos pedidos aos céus e, muitas vezes, pela intercessão do próprio Vieira.

Ainda que Holanda afirme que as monções são vivenciadas "sobre o plano da realidade mais rasteira e agreste" ele também admite que essa realidade não se constitui em "exclusão obrigatória das forças sobrenaturais, pois os santos das igrejas, as rezas, os bentinhos, as feitiçarias, pertencem sempre ao arsenal dos que se embrenhavam no sertão". Indo além, o autor se aproxima de uma conceituação dos pesquisadores das religiões (BERGER, 2004) ao afirmar que "o céu é aqui simples dependência da terra, disposto sempre a amparar os homens na perseguição de seus apetites mais terrenos" e que os poderes sobrenaturais funcionavam nesse universo mais "como um meio de salvação das almas, do que de conservação e sustento dos corpos" (HOLANDA, 2004, p. 75-76).

As buscas do apoio espiritual, para o início das monções tinham início com a benção das canoas, fenômeno relatado pelos documentos da época. Holanda, sobre a cerimônia, relata que

> [...] é esse, de certo modo, o sentido das cerimônias religiosas, relacionadas mais diretamente com o movimento das monções de povoado, a começar pela cerimônia da benção das canoas quando o Padre implorava para os navegantes a mesma proteção divina, outrora dispensada a Noé sobre as águas do Dilúvio ou ao apóstolo Pedro sobre as do mar: '*porrige eis domine, dexteram tuam, sicut porrexisti Beato Petro ambulante supra maré...*' (HOLANDA, 2004, p. 75).

O apelo aos céus não parava por aí. Ao longo das monções diversas formas de pedidos de ajuda e, aparentemente em forma de resposta, intervenções miraculosas foram registradas. Dr. Ordonhes registra que, durante uma monção de 1785, se ouvia "missa todos os domingos, e dias santos: cantava-se o terço aos sábados, e os mais dias eram rezados (TAUNAY, 1981, p. 229)".

Diante de tantos pedidos os céus não se rogavam em ofertar os seus auxílios. Por vezes os mesmos eram realizados utilizando-se dos próprios representantes de Deus na terra. Caso digno dos anais dos auxílios espirituais, é o contido na hagiografia do Padre Belchior de Pontes. Segundo o seu biógrafo, Manuel da Fonseca, "o provocador do fato sobrenatural veio a ser o Padre José Pompeu de Almeida" (TAUNAY, 1981, p. 85).

Estava o mesmo Almeida no ano de 1681 em uma ilha, na altura do Rio Grande [Paraná], indo em direção as terras da América Espanhola, quando sofreu um revés. Os índios, únicos que o acompanhavam na viagem, cansados das "impertinências do amo" fugiram com todas as canoas e cães, deixando o Padre à mercê de sua própria sorte. Ilhado, viveu por muitos dias, como conjectura seu biógrafo, das "frutas agrestes de uma grande árvore chamada Jatobá". De tanto repetir o mesmo trajeto na ilha acabou por cavar uma vala do comprimento de 40 palmos.

Sugere ainda seu biógrafo que com a proximidade da morte acudiram ao Padre "grandes desejos de se preparar para a jornada da eternidade" (TAUNAY, 1981, p. 85-86),. Ainda que mantendo a sentença de morte quis Deus que ele se preparasse para a entrada no "Reino da Glória". Contemporâneo do Padre Almeida vivia nessa época em "uma aldeia jesuítica ao redor de São Paulo", o Padre Belchior. No período suposto da morte do Padre Almeida teria saído o Padre Belchior de sua aldeia para o Colégio de São Paulo. No meio do caminho, pedindo aos índios que o aguardassem, penetrou em meio a um capão. Com a demora do clérigo os índios iniciaram buscas, no entanto sem sucesso.

Retornando ao Colégio informaram o sucedido ao Reitor. Sem se alardear com o fato "porque das virtudes de Pontes havia já grandes provas", demonstrando que o Padre Belchior já realizara anteriormente façanha similar, continuou-se com os afazeres do Colégio. Após algumas horas reaparece o Padre no Colégio. Perguntado por onde andava afirmou "que tinha ido ao sertão do Rio Grande confessar ao Padre José Pompeu que, desamparado de toda a sua comitiva em uma ilha, acabava sem confissão (TAUNAY, 1981, p. 85-86)". Agora o Reitor ficou maravilhado pois "para andar naturalmente tantas léguas eram necessários alguns meses" (TAUNAY, 1975, p. 171).

Segundo o Padre Fonseca

> [...] é tradição comum que passando pelo mesmo lugar em que morreu o clérigo, alguns homens dos muitos que por aquela parte andavam ao gentio, viram junto a uma árvore o breviário sobre um altar feito de varas, e junto ao altar uma sepultura pouco funda mas bem povoada de ossos que, pela disposição, entenderam serem relíquias de corpo humano. Visto isto, tiveram a curiosidade de visitar o terreno e acharam escritas em uma casca de pau estas palavras: *Aqui jaz enterrado o Padre José Pompeu confessado pelo Padre Pontes* (TAUNAY, 1981, p. 87).

O fenômeno de bilocação era bastante difundido na cultura luso--brasileira desse período através de estórias associadas a um dos santos mais populares e presentes no cotidiano português colonial e, de igual forma, na epopeia da mineração de Cuiabá e Mato Grosso. Vale a pena lembrar que para os monçoeiros o dia13 de junho, dia de Santo Antônio, era visto como data limite para o início das monções. Santo Antônio também é associado aos militares. No Brasil essa associação é fortalecida com o papel atribuído a uma imagem do santo, quando da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro (1567 e 1710) e dos espanhóis da Colônia de Sacramento (1703).

Um fenômeno de abandono de um passageiro durante uma viagem monçoeira é descrito por Barbosa de Sá. Nesta,"não quis Deus" que o martírio do abandonado atingisse o mesmo grau do Padre Pompeu. Era uma monção do ano de 1722. Nela vinha um homem chamado João Lopes, "moço pobre e europeu", agregado a um homem rico. Sem poder pegar no remo, esfomeado e vitimado por doença, o jovem foi abandonado pelo seu patrão em um barranco. Este ainda teria dito que o João "se pusesse com Deus" e aguardasse a morte. Talvez o jovem, durante a espera, tenha rogado ao Padre Belchior uma absolvição para que sua alma entrasse no Reino da Glória. Quis a "Divina Providência" que seu destino fosse outro.

No dia seguinte ao ocorrido João estava deitado quando percebeu a presença de um Tamanduá [tamandoagoasú]. Ao levantar-se deparou com um pau que "a Divina Providência lhe tinha preparado". Com ele acertou a cabeça do animal que, morto, lhe proporcionou carne e esperança de vida.

"Passados sete ou oito dias (sic) apareceu uma canoa vindo de Povoado [São Paulo]. O pedido de ajuda recebeu recusa pois faltavam alimentos aos viajantes" (BARBOSA DE SÁ, 1975, p. 13-14). Mostrando-lhes "as carnes do tamanduá". João recebeu, em troca, um lugar na monção para seguir viagem até Cuiabá. Ainda reforçando os desígnios divinos, favoráveis a João, conta Barbosa de Sá que após uns seis ou sete dias as canoas do patrão, que o abandonou à morte, foram encontradas. Alguns negros sobreviveram; a maioria morreu, dentre eles seu patrão (BARBOSA DE SÁ, 1975, p. 13-14).

A providência divina que se manifestara favoravelmente ao pobre João Lopes não se fizera presente no auxílio de seu patrão que,

com certeza, era mais rico que João. A justiça divina parece ter-se feito presente contra o mau patrão.

O milagre do Potunduba é outro caso digno de nota. Vivia no século XVIII um mestre nas travessias monçoeiras do Tietê chamado Manuel Portes. Esse "mamaluco" [mameluco], além do atributo acima, era conhecido por ser homem "de prodigiosa energia, hercúleo e violento sobre-modo propenso a deixar-se arrebatar pela cólera" (TAUNAY, 1981, p. 87). Os homens sob seu comando o "temiam muito" devido aos conhecidos castigos que ministrava aos seus subordinados.

Em uma dessas ocasiões que retornava a Porto Feliz, após parar as canoas na barranca do Tietê, o mestre monçoeiro surpreendera "em falta" um homem de sua frota de nome Apolinário. Não era a primeira vez pois o mesmo, tido como "caboclo meio indolente e pouco afeito à disciplina férrea do mestre", já fora admoestado diversas vezes por faltas semelhantes. Diante do fato "chibateara rijamente [rigidamente] o remeiro" que não reagira (TAUNAY, 1981, p. 87).

Ainda naquela noite, pouco tempo, Fortes conversava quando sentiu "forte murro às costas". Ao virar-se deparou com Apolinário correndo "empunhando um facão". Certo de sua morte começou então a gritar "Meu Deus! Morro sem confissão! Virgem Mãe de Deus, perdão! Perdão! Senhor Santo Antônio pedi por mim! Confissão! Vinde Frei Galvão assistir-me!" Já sem esperanças viram os homens surgir um franciscano. "Nele reconheceram Frei Galvão, cuja figura lhes era familiar como freqüentadores de Itu que todos eram". Tomando o moribundo em suas mãos o Frei "falou-lhe em voz baixa" e "depois o ouviu aos lábios". Do modo misterioso que apareceu, após acenar "com um gesto de adeus", desapareceu. A morte sucedeu a confissão e a absolvição. Mas, o Reino da Glória estava garantido (TAUNAY, 1981, p. 87).

Nesse caso a manutenção da ordem vigente foi referendada pela presença, de forma extraordinária, do padre. Ainda que fossem reconhecidos os excessos praticados pelo mestre monçoeiro demonstrando violência quando encolerizado, as atitudes do mameluco se justificaram já que o homem repreendido estava "em falta". E o texto adjetiva o faltoso de indolente e de "pouco afeito à disciplina férrea do mestre" (TAUNAY, 1981, p. 87). Assim, o uso excessivo do rigor se justificava em nome da ordem. A absolvição obtida de forma sobrenatural contribui para legitimar os feitos do mestre. Aqui, a manutenção da ordem acabou por merecer uma benção.

Considerações Finais

Os relatos são muito claros sobre a presença do fantástico, do maravilhoso e do imaterial que, por certo, faziam parte das conversas do cotidiano

monçoeiro. Há que se presumir que quando estavam em terra, "nos pontos de escala obrigatória", os homens vivessem mais que "suas horas de verdadeira animação e alegria, entretendo-se às noites nos jogos de cartas, nas músicas, nos desafios e em outros folguedos". Eles também travaram contatos com esse mundo do sobrenatural e a interferência dele nas realidades das monções. Reconhecendo a existência de elemento na realidade monçoeira é bastante presumível que africanos, indígenas, europeus e seus descendentes, introduzissem os seus mundos imateriais nesse espaço e os colocassem em diálogos com as outras culturas. Essa construção do imaginário feita através de um intenso diálogo cultural contribuiu na elaboração de explicações e respostas para os desafios surgidos nas viagens monçoeiras.

A utilização do mundo sobrenatural com seus personagens míticos, de seus fantasmas e de acontecimentos considerados para além do natural, serviu a diversos propósitos. Em alguns momentos os monstros, iaras, mães-d'água, explicavam os fracassos realizados nas travessias monçoeiras. Uma possível falha humana na pilotagem era desconsiderada já que o elemento motivador extrapolava as possibilidades de ação no campo do humano. Por outro lado, os relatos acabavam por mapear geograficamente regiões que forneciam perigos na travessia, contribuindo, como sinalizadores orais, para evitar nossos dissabores.

Em outras ocasiões os feitos narrados serviam como instrumentos nas lutas contra as injustiças cometidas nessas viagens. A estória de João Lopes, homem pobre, abandonado pelo seu patrão, é um aviso de que quando a justiça terrena não se faz presente, a divina a substitui. Esse tipo de lógica deve ter sido bastante efetiva em um espaço onde as instituições públicas responsáveis pela manutenção da ordem se mantinham, normalmente, distantes e a lei passava a ser exercida de forma pessoal e, muitas vezes, de forma arbitrária.

Em outras ocasiões, ainda, os relatos acabavam por justificar as atitudes violentas de um cotidiano monçoeiro, onde os tratamentos desumanos praticados contra os escravos e livres se justificavam como forma de manter a ordem em um meio tão hostil e tão longe dos órgãos de controle social. Foi o caso do mestre monçoeiro mameluco.

Por fim, é possível perceber que esse conjunto de relatos não serviu, de forma excludente, a um único propósito. Entre resistências e conformismos muitas outras lógicas se puseram presentes ora como explicadores de fatos de pequena monta ora de grandes tragédias. Por vezes buscando favorecer aos mais pobres e, por outras, visando garantir a ordem vigente. O que é possível afirmar é que, ainda que de forma variada, os relatos que extrapolavam as compreensões do mundo físico foram companheiros constantes de nossos monçoeiros sendo mais uma das soluções para as diversas situações que se apresentavam ao longo da viagem. Esse espaço contribuiu

para o tecer de uma história baseada em bagagens culturais que, a princípio distintas, acabaram por compor a cultura mato-grossense e, por conseguinte, brasileira.

Referências

BARBOSA DE SÁ, Joseph. **Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos.** Cuiabá: EdUFMT, 1975.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1976.

JUARES, Diogo. Roteiro verdadeiro das minas do Cuiabá, e de todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros, e descarregadouros das canoas, que navegam para as ditas minas, com os dias da navegação, e travessia, que se costumam fazer por mar e terra. In: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

JUZARTE, Theotônio José. Diário de navegação do Rio Tietê, Rio Grande, Paraná r Rio Gatemi pelo Sargento Mor Theotônio José Juzarte. In: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

LACERDA E ALMEIDA, Francisco José de. **Diários de Viagem de Francisco José de Lacerda e Almeida**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

ORDONHES, Diogo de Toledo Lara. Carta de um passageiro de monção (1785). In: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

ROSA, Carlos Alberto. **A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá**: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. **Malungos do sertão***:* cotidiano, práticas mágicas e feitiçarias no Mato Grosso setecentista. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras. Assis: Universidade estadual Paulista Julio Mesquita Filho., 2008.

SCHMIDEL, Ulrico. **Relatos de la conquista del Río de. la Plata y Paraguay (1534-1554).** In: http://www.la-lectura.com/relatos/relatos.html. Capturado em 18 abril de 2006.

SLENES, Robert. Malungo ngoma vem!: a África encoberta e descoberta no Brasil. **Revista USP**, 12, 1991/1992.

SILVA, Valderez Antonio da. **Fantasmas do rio:** um estudo sobre a memória das monções no Vale do Médio Tietê**.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Histórias das bandeiras paulistas.** São Paulo: Edições Melhoramentos / Instituto Nacional do Livro, 1975. (Coleção Memória Brasileira, Tomo I, II e III), V1,

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

Artigo recebido em 03/03/2011 e aceito para publicação em 01/07/2011.